

LEITURA DE MIA COUTO NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: uma estratégia de formação

Bárbara Poli Uliano Shinkawa

Rosangela Jovino Alves

Resumo: Este trabalho se propõe a relatar a experiência de ensino com o livro “Cada homem é uma raça” do escritor moçambicano Mia Couto. A atividade foi desenvolvida com os alunos do último ano do Ensino Médio Técnico. Para isso, fizemos a seleção de dois contos com temáticas instigantes e solicitamos que os alunos fizessem a leitura. Como esperávamos, a recepção da obra foi bastante gratificante, visto que os alunos se mostraram muito interessados pela história e cultura africanas.

Palavras- chave: Leitura-literária, Literatura Africana, contos.

Abstract: This paper intends to relate the experience of teaching with the book “Cada homem é uma raça” by the Mozambican writer Mia Couto. The activity was developed with the students of the last year of Technical High School. For this, we made the selection of two short stories with interesting themes and asked the students to do the reading. As we had hoped, the reception of the texts was very gratifying, the students were very engaged in African history and culture.

Key-words: Reading, African Literature, short stories.

INTRODUÇÃO

Desde a promulgação da Lei 10.639/03, a herança cultural e histórica da África figurou no currículo básico escolar. Com a alteração para a Lei 11.645/08, a história e a cultura indígena também passaram a ser conteúdos obrigatórios no ensino fundamental e médio.

Se a lei é motivo de comemoração, especialmente, para esses povos formadores de nossa sociedade e relegados ao ostracismo, por outro lado, é preciso que ela, a lei, se concretize, ou seja: tais conteúdos estejam de fato incorporados no planejamento e na prática docentes.

Com intuito de apresentar aos colegas de profissão uma proposta de trabalho com a leitura de literatura africana, esboçamos neste artigo algumas estratégias que utilizamos no trabalho com o livro “Cada homem é uma raça” do escritor moçambicano Mia Couto durante aulas com o ensino médio técnico, destacando a motivação para a escolha da obra e a relevância da discussão dos temas.

A atividade realizada em nossa prática de leitura de literatura africana fundamenta-se na evidente necessidade de que haja um trabalho com textos de cultura africana e/ou afro-brasileira. Essas práticas de leitura nos convidam a voltar o olhar para a diferença e para a diversidade, características essas que envolvem a constituição social de nosso país. Nesse contexto, as instituições de ensino têm por obrigação, em seu papel formativo, fomentar a análise e a convivência com as mais variadas culturas utilizando, por exemplo, a leitura e a literatura como caminhos para se alcançar esse objetivo.

A prática de leitura de literatura africana por nós desenvolvida corrobora com o que se prevê nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e na ideia dos Estudos Culturais que abarcam a interdisciplinaridade na abordagem de obras literárias. Além disso, fazem parte de nosso aporte teórico as fundamentações de Stuart Hall e Kabengele Munanga, em especial, na abordagem da construção de identidade e racismo.

Um Pouco de Teoria

As aulas de trabalho com a obra se desenvolveram prioritariamente analisando a ligação entre objeto artístico, especialmente, a literária e tudo que a compõem (língua, estilo, etc.) com a sociedade e seu momento histórico. Dessa forma, além de abarcar a teoria literária à análise das obras, lançamos mão de outros componentes importantes com as escolhas linguísticas, sociais, geográficas, linhas de pensamento filosófico, as relações de poder etc. para refletir sobre o livro escolhido. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) trazem a importância das artes:

Nesse mundo dominado pela mercadoria, colocam-se as artes [...] como meio de educação e sensibilidade; como meio de atingir um conhecimento tão importante quanto o científico – embora se faça por outros caminhos; como meio de pôr em questão (fazendo-se crítica, pois) o que parece ser ocorrência/decorrência natural, como meio de

transcender o simplesmente dado, mediante o gozo da liberdade que só a fruição estética permite; como meio de acesso a um conhecimento que objetivamente não se pode mensurar; como meio sobretudo de humanização do homem coisificado: esses são alguns dos papéis reservados às artes, de cuja apropriação todos têm direito (OCEM, 2006, p. 52-53).

Tendo em vista esses pressupostos norteadores, nossa escolha privilegiou a análise literária pelo viés dos Estudos Culturais e Pós-coloniais. Ambos surgem por volta de 1960 e lançam um olhar diferenciado para a análise e, por que não dizer, à produção e à recepção da obra literária. Um texto lido e visto pela ótica cultural e pós-colonial jamais se contentará em ser analisado apenas por um viés. Ele exigirá conhecimento interdisciplinar:

É desejável adotar uma perspectiva multicultural, em que a Literatura obtenha a parceria de outras áreas, sobretudo artes plásticas e cinema, não de um modo simplista, diluindo as fronteiras entre elas e substituindo uma coisa por outra, mas mantendo as especificidades e o modo de ser de cada uma delas, pois só assim, não pejorativamente escolarizados, serão capazes de oferecer fruição e conhecimento, binômio inseparável da arte (OCEM, 2006, p. 73-74).

É importante fomentar o aspecto multicultural mencionado, já que os processos de identificação em um país pleno de várias influências como o nosso são marcados pela diferença e pela variedade. Sobre a construção da identidade, Hall (2011, p.39) alerta que não há identidade acabada, pronta. Ela está sempre em construção e, por isso mesmo, busca no exterior sua completude que, de fato, não existe. Assim, estamos sempre em processo de ser, de se completar.

Atentar para esse fato pode ajudar nossos estudantes a compreenderem de quantas diferenças somos formados e o quanto ainda seremos influenciados. Mais, pode de fato, ajudá-los a entender que as “dessemelhanças” em vez de significarem distância podem se configurar em encontros profícuos e plenos de outros saberes:

respeitar a diferença não pode significar ‘deixar que o outro seja como eu sou’ ou ‘deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)’, mas deixar que o outro seja como eu *não sou*, deixar que ele seja esse outro que *não pode ser eu*, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença *da* identidade, deixar ser uma outridade que não é outra ‘relativamente’ a mim ou

‘relativamente ao mesmo’, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. (PARDO, apud Silva 2013, p. 101).

Nesse sentido, tocamos em um ponto nevrálgico de nossa sociedade: o racismo. Como aponta Munanga (2005), é indispensável que nossa sociedade se assuma racista para que haja efetivas ações contra tal atitude. Como Hall coloca o racismo é

[...] uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria [...] Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, natureza. Esse ‘efeito de naturalização’ parece transformar a diferença racial em um ‘fato’ fixo e científico, que não responde à mudança ou à engenharia social reformista (2003, p.66).

Por meio da leitura dos contos trabalhados, esse tema ficou evidente, fazendo que os alunos pudessem refletir sobre a existência do racismo e sobre as proximidades existentes entre a sociedade brasileira e a sociedade africana, compreendendo suas proximidades e dissonâncias:

A africanidade, vista na perspectiva abstrata e genérica das qualidades do homem e do mundo africanos, em contraposição ao homem e mundo europeus, é uma doutrina que inclui componentes geográficas, etnológicas, históricas, míticas, lingüísticas, religiosas, etc., que constituem e caracterizam o discurso do africano negro na sua herança assumida e no seu visionarismo profético, forjadores de uma nova identidade social e cultural. O discurso da negritude constitui, portanto, a emergência estética da ampla doutrina da africanidade e da ideologia pan-africanista, contributo inestimável para o fazer literário segundo uma concepção autonomista que, embora aceitando naturalmente os contributos culturais variados (políticos, ideológicos, científicos, étnicos, populares, eruditos, etc.), incluindo os europeu , se atém a princípios autonomistas, africanos, anti-colonialistas, recusando a submissão aos padrões impostos pelas potências dominantes (LARANJEIRA, 2000, p. 242).

Conhecer a literatura africana é conhecer um pouco da África e, dessa forma, poder nos conhecer como brasileiros, conhecer nossa diversidade, de onde ela vem e como ela é enriquecedora.

O Autor e a Obra

Conforme nos informa o site oficial do escritor, Antônio Emílio Leite Couto nasceu em Beira, Moçambique em 05/07/1955, é biólogo por formação e professor universitário da cadeira de Ecologia. Estudou medicina, mas não concluiu. Provavelmente influenciado por seu pai, Fernando Couto, que foi jornalista e poeta, Mia, como é mais conhecido, enveredou pelo caminho das letras ainda muito jovem.

Apesar de ter começado na poesia, parece que a prosa o realizou mais. Como o mesmo site coloca, Mia fala de sua terra harmonizando o que poderia em outro lugar ser sonho e realidade. Mas como dissemos, o real maravilhoso, traço comum em escritores latino americanos, faz com que nada pareça fora da realidade. As palavras inventadas de Couto, o que nos faz lembrar de Guimarães Rosa e seus neologismos, são únicas e feitas àquela situação. De acordo com site oficial, a

linguagem extremamente rica e muito fértil em neologismos, confere-lhe um atributo de singular percepção e interpretação da beleza interna das coisas. Cada palavra inventada como que adivinha a secreta natureza daquilo a que se refere, entende-se como se nenhuma outra pudesse ter sido utilizada em seu lugar.

Informa-nos o site que Mia Couto é o escritor moçambicano mais traduzido atualmente, é ainda o único autor africano que tem cadeira na Academia Brasileira de Letras, além de ser um artista bastante premiado. Em sua apresentação na obra “Cada homem é uma raça”, Mia é assim descrito:

Nasceu em 1955, na Beira, Moçambique. É biólogo, jornalista e autor de mais de trinta livros, entre prosa e poesia. Seu romance *terra sonâmbula* é considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX. Recebeu uma série de prêmios literários, entre eles o Camões em 2013, o mais prestigioso da língua portuguesa, e o Neustadt International Prize em 2014, e foi indicado para o Man Booker International Prize de 2015. É membro da Academia Brasileira de Letras. (Cada Homem é uma raça, 1990).

“Cada homem é uma raça” é um livro que reúne 11 contos, os quais trazem em seu enredo o real maravilhoso e histórias de África que, por vezes, são capturas da realidade perpassada pela mágica que seria comum tanto lá quanto aqui, como

mesmo Jorge Amado fez questão de marcar em suas obras. A propósito, vale ressaltar que Mia Couto leu Jorge Amado e é admirador de sua obra.

Publicada em 1990¹, essa obra é a segunda coletânea de contos escritos pelo autor Mia Couto, nela estão os contos:

- A rosa caramela
- O Apocalipse privado do tio Guegê
- Rosalinda, a nenhuma
- O embondeiro que sonhava pássaros
- A princesa russa
- O pescador cego
- O ex-futuro padre e sua pré-viúva
- Mulher de mim
- A lenda da noiva e do forasteiro
- Sidney Poitier na barbearia Firipe Bebuberu
- Os mastros do Paralém

Nesses contos, o autor aborda temáticas diversas como o racismo, a obesidade, as relações familiares, o abandono, o preconceito e tantos outros valores que norteiam uma sociedade. Além disso, o autor desenvolve esses temas abordando a cultura africana, apresentando o místico, a superstição e o sobrenatural, tendo como protagonistas dos contos, em sua maioria, as mulheres.

Em todos os contos, o autor nos convida, de alguma forma, a refletir, a pensar sobre temas sobre os quais muitas vezes não pensamos. Em “Rosalinda, a nenhuma”, por exemplo, o autor nos inquieta ao abordar a obesidade, a infidelidade, nos tira da zona de conforto e nos instiga com suas palavras, nem sempre amenas, exemplo disso está na descrição de Rosalinda: “sofria de tanto volume que se sentava no próprio peso, superlativa[...] se cansava de tanta hora: mascava mulala, enrolando saliva-laranja. As mulheres gordas não zangam com a vida: fazem lembrar os bois que nunca esperam tragédias” (p. 51).

¹ Todas as citações de trechos dos contos foram retiradas da publicação de 2013. **Koan**: Revista de Educação e Complexidade, n. 6, jun. 2018. ISSN: 2317-5656

O Trabalho com os Contos

Quando resolvemos trabalhar a obra “Cada homem é uma raça” fizemos concomitante a outras produções da contemporaneidade. Já tínhamos vistos em sala características de alguns autores e produções luso-africanas, e um deles foi o escritor Mia Couto.

Não podemos deixar de relatar a expressão de espanto dos alunos ao descobrirem que Antonio Emílio é um homem africano branco. Infelizmente, se não é a escola proporcionar o encontro dos jovens com autores e obras, possivelmente, com alguns, talvez eles nunca se encontrariam.

Propusemos, então, a leitura de quatro obras e dentre elas “Cada homem é uma raça”. Explicamos que se tratava de uma compilação de contos e que eles poderiam ler todos, no entanto, por questões de tempo disponível (teríamos duas aulas para as discussões), trabalharíamos apenas dois.

Após um mês para lerem as obras indicadas, iniciamos nossos trabalhos, fizemos um roteiro de análise que envolve os operadores de leitura narrativa e algumas questões de ordem mais ampla e que envolvem a interdisciplinaridade.

Os contos escolhidos para o trabalho foram “O embondeiro que sonhava pássaros” e “A princesa russa”. O primeiro conta a história de um homem, negro, sem nome, sem casa (morava em uma árvore), que todas as manhãs vendia pássaros no bairro dos brancos. Por ser negro e pobre, o personagem vive uma relação de segregação com os adultos do bairro, mas, por outro lado, recebe o encanto das crianças, pois tinha os mais lindos pássaros. Os pais brancos, após tentarem, sem sucesso, controlar seus filhos e proibi-los de ter contato com o passarinho, veem, como única saída, ‘acabar com a vida do homem’. Esse pensamento os leva a agredirem o homem e a, mais tarde, receberem uma espécie de reação às suas ações.

O segundo conto, “A princesa russa”, é contado a partir da perspectiva de um narrador culpado o qual narra a história de uma mulher imigrante russa, que acompanha seu marido para Moçambique, mas, em sua nova vida, se vê sozinha na nova terra. Dessa forma, a mulher procura alento e conforto em uma história de amor impossível com um de seus empregados. Tanto Fortin quanto a senhora russa vivem uma prisão física e emocional. O conto sugere que a mulher teria um amor, que não

o marido, e que ficara distante. Fortin, em muitos momentos, é aquele que oprime os seus semelhantes como se isso o tornasse diferente dos outros, mais importante. O fim para ambos é complicado: a mulher, já praticamente enlouquecida, morre e ele, embora vivo, não consegue se libertar da culpa.

Projetamos o seguinte roteiro como sugestão para nortearmos nossa conversa sobre as obras:

Roteiro para análise literária

Operadores de leitura da narrativa:

1. Fábula (a história narrada);
2. Personagens:
 - protagonista, antagonista e secundários;
 - plano, tendência a redonda, redonda.
3. Narrador;
4. Sobre a ordem da narrativa:
 - Ordem dos acontecimentos entre a história narrada e a história construída: *ab ovo* ou *ab initio* (a história começa “pelo começo”), *in media res* (começa pelo “meio”), *in ultima res* (a história começa por uma ação que seria a final).
5. Nó, clímax e desfecho;
6. Tempo cronológico (objetivo) e/ou psicológico (subjetivo);
7. Espaço;
8. Tema;
9. Gênero.

Extrapolando a leitura:

Tendo em vista os contos lidos, reflita sobre:

- 1- As relações emocionais humanas e o contexto social, histórico e cultural (família, amizade, relacionamento amoroso, comportamento humano, dramas etc.);

Se houver registro nos contos dos momentos a seguir, como ele(s) é/são construído(s) na narrativa?

- 2- O cotidiano;
- 3- A fantasia e a realidade;
- 4- A relação homem e trabalho;
- 5- As relações de poder.

No dia marcado, nos reunimos para a discussão, apresentamos o roteiro e pedimos se havia voluntário para iniciarmos a análise da obra e, para nossa grata alegria, vários se propuseram a fazer.

A curiosidade sobre alguns vocábulos e aspectos do enredo foi o ponto de nosso encontro literário. Havia muita vontade de expressar as impressões sobre a obra e ainda que entendessem a presença do real maravilhoso, já que havíamos explicado a eles tal teoria, claro que em uma linguagem mais acessível, os alunos se encantaram com a beleza das pinturas produzidas pelas reunião das palavras, entristeceram com algumas paisagens e se mostraram descontentes e/ou decepcionados em outras.

A discussão do conto “O embondeiro que sonhava pássaros” fez com que os alunos refletissem sobre temas que não são exclusivos da realidade africana como o preconceito, a segregação, o contato entre colonizadores e colonizados, e como o mal, de alguma forma, volta àquele que o oferece aos outros. O conto é bastante curto, mas a intensidade das palavras desperta no leitor sensações diversas, dentre elas se sobressaem a indignação e a identificação, pois o autor apresenta um personagem, negro, sem nome, apenas chamado ‘passarinheiro’, denominação que nasce de seu ofício, que tem como morada o tronco de um embondeiro, e mostra como o homem branco o vê: “Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos – aquele preto quem era? Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar” (p. 64).

Na escrita desse conto, podemos encontrar a ênfase linguística construída por meio da repetição de palavras, característica da literatura africana. São exemplos disso: “Me bateram muito-muito na boca. É muita pena senão havia de tocar” (p. 70) e “– Quem abriu este armário? Ninguém, ninguém não tinha sido” (p.67).

Nesse conto, de forma mística, o autor nos leva a pensar o racismo. Em nossa discussão, os alunos refletiram sobre esse tema, ainda tão contemporâneo, refletiram sobre a empatia, sobre a alteridade, o 'olhar para o outro', puderam ampliar a compreensão do papel da literatura e ainda aprenderem sobre o gênero 'conto' que, em poucas páginas, apresenta enredo denso, temática complexa e nos leva a pensar em nós mesmos como seres humanos e em nosso papel na sociedade.

No conto "A princesa russa", a construção da narrativa em primeira pessoa, em forma de confissão do personagem Fortin, apresenta uma nova estrutura de escrita para os alunos. Não há no conto um caráter mágico tão presentes nos contos de Mia Couto, mas há outros elementos que ampliam a interpretação e a reflexão. Um exemplo nesse conto é a perna doente de Fortin. O primeiro parágrafo do conto já a coloca em evidência "Desculpa, senhor padre, não estou joelhar direito, é a minha perna, o senhor sabe: ela não encosta bem junto com o corpo, esta perna magrinha que uso na esquerda" (p.77). Essa perna doente de Fortin é a justificativa que ele mesmo encontra para atribuir à crueldade de seus atos, como se fosse uma explicação plausível para justificar seus erros: "Os criados me odiavam, senhor padre. Eu sentia aquela raiva deles quando lhes roubava os feriados. Não me importava até que gostava de não ser gostado. Aquela raiva deles me engordava, eu me sentia quase-quase patrão. Me disseram que este gosto de mandar é um pecado. Mas eu acho é essa minha perna que me aconselha maldades. Tenho duas pernas; uma de santo, outra de diabo. Como posso seguir um só caminho?" (p. 78-79).

Nesse conto, a relação de amor impossibilitada pelas relações sociais entre patroa e empregado desenvolve atitudes dos personagens principais, Nádia e Fortin, que causam tensão, indignação e revolta em seus leitores. Em nossa discussão, os alunos deixaram evidente a desaprovação e uma espécie de revolta com a postura de Fortin.

Na execução da atividade em sala de aula, percebemos que o tempo foi pouco para que os alunos pudessem expressar todas as reflexões que fizeram com a leitura dos contos, mas esse foi o único ponto negativo, que talvez nem deva ser assim considerado, pois significa que a leitura atingiu níveis altos de reflexão. Ademais, a leitura foi feita integralmente por todos os alunos, pois, além de as temáticas serem instigantes, o gênero conto, por ser normalmente escrito em poucas páginas, possibilita que a leitura seja feita em pouco tempo.

De forma geral, a atividade por nós desenvolvida foi altamente produtiva, pois incentivou a leitura, a produção oral e reflexão sobre temas complexos sobre os quais, nem sempre podemos discutir. Desse modo, nossa atividade cumpriu seu objetivo como prática de ensino e aprendizagem e, além disso, contribuiu para a formação emocional dos nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos um relato de experiência de um trabalho realizado com a leitura de literatura africana em sala de aula com alunos do Ensino Médio Técnico. A obra lida foi “Cada homem é uma raça” do escritor moçambicano Mia Couto, e os contos selecionados desta obra foram “A princesa russa” e “O embondeiro que sonhava pássaros”.

Por meio da discussão desses contos, os alunos ampliaram a compreensão de mundo e de cultura, pois puderam conhecer uma produção literária além da de seu país. Além disso, tiveram a oportunidade de discutir temas que muitas vezes não encontram espaço para discussão em sala de aula, o que os fez ampliar sua formação, não só intelectual, mas também emocional.

Assim, é inegável reconhecer o papel da instituição de ensino e de seu corpo docente na promoção de encontros como esse. Além de estarem cumprindo com aquilo que a lei e outros documentos oficiais, como as OCEM, trazem, engrandecem significativamente a jornada formativa de seus alunos para que sejam de fato cidadãos e futuros profissionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639**. 09 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 22 abr. 2018

BRASIL. **Lei 11.645**. 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 22 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. v.1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2006.

COUTO, Antonio Emílio Leite. **Biografia**. Disponível em: <<https://www.miacouto.org/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

_____. **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine Resende et all.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 49-94.

_____. **Identidade Cultural na pós- modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LARANJEIRA, José Luís Pires. **As literaturas africanas de língua portuguesa – identidade e autonomia**. Belo Horizonte: Scripta, 2000, p. 225-236.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: _____. **Superando o racismo na escola**. MUNANGA, Kabengele (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 15-20.

Notas sobre as autoras:

Bárbara Poli Uliano Shinkawa — graduada em Letras português/inglês pela UNESPAR (FAFIPA) – Universidade Estadual do Paraná, campus Paranavaí. Mestra em Letras pela UEL —Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Letras pela mesma universidade. Docente no IFPR – Instituto Federal do Paraná – campus Paranavaí. Integrante dos grupos de pesquisa: Nuseintec - Núcleo de Sociedade, Educação e Inovação Tecnológica do IFPR, Literaturas africanas e afro-brasileira: mar negro em Língua Portuguesa e Bildung, pesquisadora nos temas relacionados à literatura e cultura.

Rosângela Jovino Alves — graduada em Letras português/inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Letras Libras pela Faculdade Eficaz. Mestra em Estudos Linguísticos pela UEM e doutora em Estudos Linguísticos pela mesma universidade. Docente no IFPR – Instituto Federal do Paraná – campus Paranavaí. Integrante do grupo de pesquisa Nuseintec - Núcleo de Sociedade, Educação e Inovação Tecnológica do IFPR. integrante do FUNCPAR (Grupo de pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná), pesquisadora nos temas relacionados à língua em uso.